

Calor e baixa umidade do ar causam prejuízos no Distrito Federal - Seca

por Carlo Iberê de Freitas
de Brasília

A prolongada seca e a baixa umidade relativa do ar causam grandes prejuízos em Brasília nesta época do ano, em que a cidade passa a conviver com um clima de deserto. Um exemplo é o prejuízo da empresa de reflorestamento Proflora, do Governo do Distrito Federal, que teve destruídos pelo fogo, na última semana, 615 hectares de eucaliptos e "pinus", contabilizando um prejuízo de CZ\$ 15 milhões.

Na última quinta-feira, dia em que começou o incêndio, a umidade do ar estava em 17% e a temperatura, em 32,2 graus, a mais alta do ano (no deserto do Saara a umidade média é de 9%). Mas aquele não foi o pior dia do ano. Em agosto passado, no dia 27, a umidade chegou a 13%. O recorde, entretanto, ocorreu em 1973, também em agosto, quando a umidade chegou a 12%. Estes fatos, até mesmo, têm ocupado o mesmo espaço das discussões e comentários sobre parlamentarismo, presidencialismo e dívida externa, na capital federal.

Nesta época é, comum nos horários críticos — entre 12 e 15 horas, quando também a temperatura está no seu ponto máximo —, se encontrar pessoas com dor de cabeça, tontura, taquicardia, sem a menor vontade de fazer qualquer atividade, e também com a visão prejudicada. Nesses casos, os médicos receitam três litros de água por dia, enquanto a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda mudanças nos hábitos alimentares — menos gorduras e mais frutas e verduras, e evitar a exposição prolongada ao sol.

O escritório da OMS em Brasília, mesmo assim, ajudou a desmistificar informações correntes na cidade de que, quando a umidade do ar chega a 20% deve ser dado o "alerta" e, quando cai para 12%, todas as atividades devem ser suspensas. Segundo o diretor do escritório, Francisco

Salazar, a organização não tem poderes para isso, ficando a responsabilidade e a iniciativa por conta das autoridades.

Mas, em meio a esse desagradável estado meteorológico, há naturalmente quem obtenha lucro, como as empresas vendedoras de água mineral. A Indaiá, por exemplo, entrega 90 mil litros de água engarrafada por dia, enquanto uma empresa local, a Dom Bosco, distribui 24 mil litros. O consumo de água mineral, segundo dados das empresas, chega a aumentar até 80% nesta época do ano, com as menores indústria não atendendo à demanda.

A seca ainda favorece os produtores de hortaliças e algumas frutas, como a manga e o morango, embora o preço caia muito, reclamam os produtores. A cenoura, por exemplo, está sendo vendida a CZ\$ 2,50 o quilo, enquanto o morango chega a CZ\$ 60 o kilo. O preço do morango no início da safra estava em CZ\$ 80 para o consumidor. Já há também racionamento de água em Brasília, nas cidades satélites de Sobradinho e Planaltina e, como disse um diretor da Companhia de Água e Esgotos de Brasília (CAESB), "há tanta ansiedade por chuva quanto por o governo encontrar uma saída para os problemas econômicos", arrematou.

SUFRAMA — O titular da Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), Jadir de Carvalho Magalhães, disse, na sexta-feira, que a Suframa está preparada para ser uma das Zonas de Processamento de Exportação (ZPE). "Estamos com 68 mil empregos diretos, 410 empresas instaladas, das quais 280 na cidade de Manaus", diz. De acordo com ele, as indústrias que vierem a se instalar dentro das ZPE não seriam concorrentes das já localizadas na Zona Franca de Manaus. "As empresas que funcionarem nas ZPE terão toda a sua produção voltada para o mercado externo, enquanto as já instaladas vão atender basicamente ao mercado interno", salienta.